S. PAULO (BRASIL) — Sábado, 5 de abril 1913 — ANO XII — N. 185

Publica-se aos sabados
Sob os auspicios da Liga Anticlerical do Rio

ASSINATURAS:
ANO . . . . 10$000
SEMESTRE . . . . . . 6$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior há a diferença do porte do Correio.

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR: EDGARD LEUENROTH
Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegráfico: LANTERNA
Toda correspondência ao director

O povo e o equilibrio dos potentados



Ele começa a mover-se e quando, cansado de suporta-los sobre as costas, perder a paciencia, atirará com todos de pernas para o ar.

ELES E NÓS

Todas as religiões teem os seus fanaticos, porém nenhuma os ha fornecido tão violentos, tão inconscientes, tão grosseiros como a catolica romana. A intolerancia, a boçalidade dos seus sectarios não conhecem limites desde que percebem em qualquer de nós, mesmo quando não pertencemos ao seu credo, qualquer aparencia de desrespeito, de irreverencia ao Deus que adoram, á divindade que desde criança lhes introduziram no cerebro acanhado.

Os inumeros actos de brutalidade que cometem diariamente dão provas de uma tão baixa e pobre mentalidade nesses individuos, que bem atestam o cuidado dos seus mentores em mante-los na mais profunda ignorancia das coisas, sobretudo no que respeita á liberdade de consciencia de cada um.

Um facto banal ocorrido aqui na muito civilizada Capital Federal no dia por eles chamado sexta feira santa vem demonstrar á luz da evidencia que caminhamos, se não tomarmos sentido, para um tal estado de degradação moral e de fanatismo religioso que cada um de nós terá de defender a propria liberdade e as proprias convicções com meios energicos outros que o silencio e a paciencia.

Sim, porque se desagrada a alguem que não sigamos as suas praticas religiosas, que comamos na sexta-feira denominada santa o que pobres e ignaras criaturas julgam ser uma abominação, um pecado que brada ao céu nos dias em que dizem que crucificaram um filho do seu Deus, não é isto razão bastante para perseguir-se homens cque já não pertencem mais ao bando dos papa-hostias de que está infestado todo o Brazil.

O que acabamos de dizer vem a proposito da prisão de um nosso companheiro e de tres amigos deste.

Deixámos propositalmente de tratar do caso no numero passado para, embora depositando a maior confiança nesse camarada, não cairmos no erro, muito comum aliás, de faltar á verdade para defendermos companheiros de luta. Não. Se tivessemos averiguado que a razão não estava do seu lado, seriamos os primeiros a reprovar o ocorrido, o que tivessem feito de errado; para isso a associação a que pertencemos, nós e o camarada Aires Teixeira, cuida com todo o interesse, cada vez mais, da elevação moral dos seus membros.

Isto dito, narremos em poucas palavras o facto.

Joaquim Aires Teixeira Junior jantava com alguns amigos, na sexta-feira, 22 do passado, e não sendo catolico, como tambem não eram os amigos, tinha sobre a mesa um leitão assado. Num dia tão santo comer carne e esta de porco escandalizou de tal maneira uns seus vizinhos que estes foram provoca-los á porta de sua casa, sendo tudo assistido pelo 3º. suplente do delegado local (Ponta do Cajú), que um pouco afastado ria, com ar de aprovação, das proezas das santissimas pessoas.

Vendo por fim os energumenos que os provocados não lhes davam importancia, retiraram-se. Parecia tudo terminado.

Aires e os amigos então sairam, indo dar uma volta pela praia. Qual não foi a sua surpresa vendo-se, uma hora depois, presos pelo tal suplente e metidos no xadrez, onde permaneceram até o dia seguinte. Estava, assim, desafrontada a religião e os *judeus* castigados!

Como é nauseante tudo isto!

Uma autoridade republicana servindo de instrumento de baixa vingança contra livres pensadores, contra aqueles sobre quem a vagabundagem romana exerce o seu odio!

Continuai a dar o exemplo da violencia! Nós proseguiremos imperturbaveis na nossa rota.

O que disse o tal Bessa a uma folha da manhã, é mais um acervo de inverdades com que pretende justificar o seu fanatismo.

Para evitarmos que factos como estes se repitam, só ha um meio: é tornarmo-nos fortes dentro das nossas associações. E' essa a unica arma que nos poderá garantir contra estes loucos perigosos.

A' associação todos!

Adrecal.

Ric, 31 — III — 1913.



Missa com queijo

Segundo *La Lanterne*, de Paris, uma casa comercial espalhou esta circular:

"Temos a honra de vos oferecer o nosso queijo preparado pelas mãos purificadas de moças puras. Sendo os salarios reduzidos ao minimo extremo, podemos fazer-vos os preços mais modicos. Todo comprador de 20 quilos tem direito a uma missa de "Requiem", que mando celebrar na capela do estabelecimento. Os compradores por miudo recebem, com cada queijo, uma "cédula de oração". Quem reunir cinco dessas cédulas, enviando-as pelo correio ao nosso administrador, tem direito a uma missa."

Hein? Que lhes parece a combinação? Engenhosa, não é verdade?

Queijo e devoção... E' certo que a liga do negocio com a religião não é de modo algum coisa estranha: pelo contrario. Mas, ainda assim, esta combinação tem um sabor original e imprevisto.

Missa com queijo! Se não ofendessemos os italianos, diriamos... missa á italiana!

... Falta a massa de tomate.

O HOMEM

II

O homem é um mamifero bimano, de posição vertical, dotado de inteligencia, de linguagem articulada e desenvolvendo-se por sucção ou absorpção interna e externa.

A sua alimentação é animal e vegetal; e isto dá-lhe, assim como aos outros mamiferos herbivoros, um instincto social mais desenvolvido, que não teria se fosse somente carnivoro (1).

A estrutura anatomica do homem aproxima-o dos mamiferos superiores; e as suas funções fisio-psiquicas praticam-se da mesma maneira que entre estes ultimos.

O seu organismo é composto duma parte vegetativa e compreende os orgãos de nutrição encerrados na cavidade toracica (peito) e na abdominal e iliaca (ventre e flancos ou baixo ventre) cujo papel puramente vegetativo está subordinado, para o equilibrio, á acção animal da espinhal medula pelos plexos nervosos, que por seu turno não exercem a sua actividade senão para a absorpção e elaboração normal pelo corpo vegetativo, dos elementos da nutrição.

Os caracteres especiais do homem são:

A posição vertical, as dimensões consideraveis do craneo e, por conseguinte, o peso e o desenvolvimento do cerebro (o mais consideravel com respeito ao volume total do corpo), e enfim a linguagem articulada.

A pele é quasi desprovida de pelos, os cabelos abundantes, o nariz avança muito por cima da boca e o queixo é muito acentuado.

As mãos estão no prolongamento dos braços, ao passo que os pés formam um angulo recto com as pernas.

Finalmente, a posição vertical desenvolveu extraordinariamente os musculos das nadegas e os musculos gemeos que dão o movimento ás pernas, (o que demonstra evidentemente que a função creou-se e trouxe consigo o desenvolvimento do orgão).

O corpo humano divide-se em duas partes: cabeça e tronco.

Este ultimo compreende o torax e o abdomem. Os membros são uma dependencia do tronco e dividem-se em membros toraxicos ou superiores (braços) e em membros abdominais ou inferiores (pernas).

A altura varia entre 1,m35 (negritos) e 1,m90; isto sem meter em linha de conta os anões e os gigantes. O peso é expresso pelos decimais da altura, quando o homem é bem equilibrado e está gozando boa saude; assim, um homem que mede 1,m50 ou 1,m70 deve pesar 50 ou 70 kilogramas. Se assim não sucede, ha desproporção e, em geral, falta de equilibrio no organismo.

Reconhece-se no homem tres especies de «funções instinctivas» e são as de: nutrição, relação e reprodução, que são mais ou menos subordinadas ás outras funções.

As funções da nutrição são: a respiração, a circulação, a digestão, a assimilação e as secreções. As funções de relação compreendem o conjunto dos actos que põem o homem em contacto com o mundo exterior, isto é, a locomoção e a sensação que são resultantes da actividade dos sistemas muscular, nervoso e esqueletico, etc.

As funções de reprodução são: a concepção, a lactação, e os cuidados com as crianças. Estas funções são tendentes á conservação da especie.

O fim natural, aquele que está acima de tudo no homem é a satisfação do estomago; instinto que o leva a procurar a alimentação, e á necessidade de a tomar onde a encontra. Este instinto no homem no estado normal é imperioso e nenhuma lei o poderia coibir. (Foi ele que deu origem á boca e consecutivamente a todos os sentidos).

Este instinto é anterior aos outros dois, e é na realidade a unica causa da vida.

O instinto de relação, nasceu da necessidade que o homem tem de procurar a sua alimentação, ele é a busca dos meios proprios para a encontrar e é tambem a base primordial das relações do homem com a sociedade, ou como vulgarmente se diz, da moral.

O instinto genesico ou de reprodução é a consequencia fatal e logica dos dois outros, o fim natural para que ambos tendem.

C. Novel.

(1) Esta diferença de caracter entre os herbivoros e carnivoros é devido a facilidade dos primeiros poderem, por toda a parte, encontrar a alimentação, o que lhes permite viver em grupos numerosos sem sofrer a fome (cavalos, carneiros, bois, etc.); ao passo que as segundas são anti-sociais fora do grupo familiar, e absolutamente refratarios á vida em sociedade, em consequencia da dificuldade que tem de procurar a alimentação que lhes é necessaria (tigres, leões, lobos, etc).



Os que teem dogmas não sentem repugnancia pelas medidas violentas, pois da essencia dos dogmas é serem perseguidores.

Victor Cherbuliez.

HOSTIAS AMARGAS

As quaresmais de D. S. Leme

10ª. conferencia — Novos e funestos erros com relação á vida intima da Igreja — Reformas descabidas — Transacções inconvenientes.

O bispo auxiliar do Rio de Janeiro só tem palavras de censuras para aqueles dos cristãos que pedem a introducção de noções liberais na sua Igreja.

Ele considera descabida a aspiração de muitos catolicos, que desejam ver diminuida a autoridade ilimitada, de que o papa e os bispos se acham investidos.

Eis ahi um ponto em que, incontestavelmente, tem razão d. Sebastião Leme, que, antes de mais nada, nutre a estulta aspiração de ver triunfar na sociedade a sua seita.

O segredo da força, de que ainda dispõe a Igreja Catolica —, consiste na uniformidade de acção, na comunhão de vistas dos seus ministros.

E para que essa uniformidade de acção e essa comunhão de vistas resistam á evolução da humanidade, com a qual são de todo incompativeis, é condição primaria que na Igreja exista uma unica cabeça pensante, ficando a parte restante, isto é, a sua quasi totalidade, reduzida ao papel indigno e aviltante de braço executor.

Pois bem, essa cabeça pensante perante a qual todos os adeptos do credo, abnegando-se a si proprios, á sua mentalidade, á sua consciencia, á sua individualidade, reduzem-se á condição humilhante de automatos, de cadaveres — *perinde ac cadaver* — essa cabeça pensante é o Sumo Pontifice Romano.

Ai! da Igreja Catolica, no dia em que dispensasse os seus fieis de obedecer cegamente ao papa e aos bispos, representantes dele.

Ai! da Igreja Catolica, no dia em que permttisse aos crentes submeter à critica racional quaesquer decisões, quaesquer sentenças emanadas da boca do celeberrimo prisioneiro do Vaticano.

Sim, d. Sebastião Leme, tens razão e muitissima.

O principio da autoridade é uma das fontes mais vivas da força entre os homens.

Era em nome desse principio, não passivel de discussão, que Solano Lopez conseguiu levantar a sua patria embrutecida e fanatizada contra o Brazil, imbuidos como estavam os paraguaios de que o seu primeiro dever era acatar, em toda e qualquer emergencia, as ordens do *El-Supremo*.

Era em nome desse principio que, ali em Canudos, Antonio Conselheiro coagir milhares de jagunços a lançarem um desafio á nação brasileira e a fazerem se trucidar da forma a mais estupida e ingloria.

E' sempre e sempre em nome desse principio que os tiranos logram firmar o seu poderio e durante grandes lapsos de tempo asfixiar a liberdade humana, pelos obstaculos que opõem aos surtos altruisticos da inteligencia dos seus subditos.

No terreno em que se colocou, o bispo de Ortosia tem necessariamente de considerar descabidas, quaesquer reformas propostas á Igreja.

A adoção da mais ligeira e insignificante dentre elas seria o primeiro passo para a emancipação cerebral dos catolicos e da qual resultaria fatalmente a descrença nessas baboseiras todas, às quaes o conferencista da catedral carioca sonha que, um dia, o espirito humano se curvará submisso.

D. Sebastião trabalha *pro domo sua*. Mas força é confessar que ele tem a perfeita intuição do que lhe convem e aos sens comparsas, quando declara inoportuna, descabida toda e qualquer modificação que se queira introduzir na Igreja em ordem ao cerceamento da autoridade papal e em ordem á concessão de direitos á inteligencia dos fieis.

O ideal para a Igreja Romana, que qaur ver o seu prestigio e a sua força aumentarem-se a todo o custo, seria extorquir ao homem a parte pensante, a zona psíquica do encefalo; porque assim arredado estaria para todo o sempre o perigo de uma rebelião contra os seus ensinamentos, qual deles o mais ridiculo, qual deles o mais absurdo.

Mas, uma vez que isso é impossivel, d. Sebastião Leme quer que, ao menos, ninguem pense em realizar *transacções inconvenientes*.

Quem não estiver satisfeito com o governo absoluto e despotico que rege a Igreja, antes dela desligar-se do que ficar em seu seio, sugerindo reformas, propondo transformações, que poderiam constituir perigo imenso, incalculavel, para toda a carangueijola.

Que se conserve na Religião tão somente quem for bastante covarde para guardar em um saco a sua razão, para desistir do seu intelecto, para se converter em boneco de engonço, que só se mova aos acenos de frades, padres e bispos.

Assim constituida de elementos homogeneos, coesos e concordes, a Igreja, ainda que composta exclusivamente de pobres de espirito, terá a ilusão de ir triunfando no orbe, até que o futuro se encarregue de lhe comprovar que o seu desaparecimento é questão de mais ou menos tempo, e que ha-de forçosamente coincidir com o desaparecimento da ignorancia e da subserviencia na superficie do planeta.

∴

Carissimo d. Sebastião Leme.

Acompanhamos-te, passo a passo, nas tuas conferencias quaresmais deste ano.

Refutando as parvoices que proferias do alto da tua pretensa tribuna sagrada, cumprimos apenas um dever social de colaborar no progresso intelectual e moral da sociedade, caindo, de rijo, sobre aqueles que se esforçam por conserva-la manietada nas trevas, submissa nos abismos do erro e das superstições.

Pessoalmente não nutrimos sentimento algum de animadversão contra ti.

E, por muito feliz nos dariamos mesmo se conseguissemos fazer calar no teu espirito os argumentos, que aqui exarámos sustentando temas opostos aos que organizaste para as tuas conferencias.

Não temos, porêm, a pretensão de obter tanto.

O padre é, por natureza, teimoso, obstinado, irreductivel, mesmo quando se lhe mostra á evidencia a luz da verdade, á qual ele sempre e sempre volta as costas.

Por isso, cada um de nós irá seguindo o seu caminho.

Tu despenderás as tuas energias em favor de dogmas, que estão a cair de podres.

Nós continuaremos a propugnar a sciencia pura, a liberdade espiritual, a confraternização humana e a democracia universal.

Cada um de nós tem o seu ponto de vista particular. As gerações vindouras que nos façam plena e merecida justiça.

Boa Pascoa, d. Sebastião Leme, e até para o ano. Esperamos que em 1914 ser-nos-á ainda concedida a ventura de comentar as tuas arengas quaresmais, qual o vimos fazendo de dois anos a esta parte.

Ignoto.

DA PORTA DE EUROPA

A situação política espanhola — A questão do catecismo nas escolas — Senhoras exaltadas e ministro habilidoso — O democratismo de Romanones salvará ou matará a rialeza? — As incertezas duma operação melindrosa — Citam-se alguns exemplos de casos fatais — O que provocou e agravou a crise da monarquia espanhola — O caso Ferrer e o caso Queraltó — O crime do dr. Queraltó e a vingança clerical — Apesar dos protestos, a pena é ainda aumentada — Acentua-se o movimento de indignação

LISBOA, 15 DE MARÇO

Decididaments, não parece lá das mais serenas a situação política na Espanha. A proposito da projectada abolição do ensino obrigatório do catecismo nas eseolas primárias, o clericalismo põe em jôgo todos os seus trunfos, especialmente femininos, opondo-se com despêro aos esforços contrários dos liberais. E, como é natural, a questão ultrapassou já o estreito álveo do ensino religioso obrigatório, para se espraiar pelo campo de princípios mais gerais: são já duas tendências que se debatem sôbre todos os pontos.

Refere a imprensa que uma comissão de senhoras católicas, ao entregar ao conde de Romanones uma mensagem de protesto, acusou francamente aquele presidente de ministros de estar preparando o advento da Republica. Mas que tivesse cuidado, pois todos os católicos estão firmemente dispostos a empregar mesmo os meios mais violentos para impedir que tal se dê.

E como o chefe do ministério explicasse que as medidas democráticas tomadas ou anunciadas são motivadas pelo facto de se encontrar a monarquia espanhola entre duas repúblicas, as exaltadas damas romperam a gritar:

— Não queremos parecer-nos com elas! Teremos coragem para defender as nossas crenças!

Esta alteração sintomática resume bem o pensamento das duas correntes. O ministro, sinceramente ou não, tenta um esfôrço para salvar a monarquia, entendendo que é o democratismo, o anticlericalismo de Estado, a mais sólida tábua salvadora; as senhoras clericais, pelo contrário, acham que Romanones conduz a Espanha para a República e para a destruição do domínio clerical... Deus as ouça, já que está em tam boas relações com elas!...

Na história de cada regime, político ou económico, há um momento em que qualquer gesto do poder dominante, — concessão ou repressão, — lhe apressa a morte: as violências irritam o inimigo já robusto e provocam a tempestade; as concessões são tomadas à conta de fraquezas, alisam o terreno e acordam maiores desejos e ousadias. Estará a rialeza espanhola num momento dêsses? Escapará desta ainda? Não escapará? Quanto terá de vida? Os diagnost cos são, em patologia social, mais dificeis do que em patologia fisiológica...

O que parece, porém, mais certo é que o clericalismo não é agora muito proveitoso à vida da monarquia em Espanha. Toda a questão, para os rialistas, está em que a amputação do membro gangrenado não venha a matar a paciente... São tam frequentes as operações mortais na cura das instituições! Que o diga a história das falecidas monarquias do Brasil e de Portugal: a primeira, vítima da abolição da escravatura, para cuja conservação os escravistas sustentavam o império; a segunda, morta nas mãos do médico Teixeira de Sousa, que a operava...

A crise da monarquia de Afonso XIII, agravada talvez com a proclamação da república portuguesa — se é que as consequências dêste facto, em Portugal, não assustaram o republicanismo conservador de Espanha, receoso do proletariado e levado por isso a preferir envernizar de democratismo a rialeza, para evitar o abalo social — essa velha crise, digo, começou verdadeiramente com o assassinato de Ferrer, obra militarista-clerical.

E que o clericalismo compromete a vida da monarquia, prova-o ainda o actual caso Queraltó, que ameaça fazer grosso escândalo internacional.

A *Lanterna* já se referiu a esta questão. O dr. Queraltó é um médico eminente, membro respeitado de várias sociedades scientificas, autor de obras premiadas e de alto valor, mas com um gravíssimo defeito para os clericais: professa ideias avançadas.

A ocasião de o ferir apareceu com a sua nobre e enérgica atitude ante a estúpida ablação duma tatuagem subversiva, operação praticada sôbre um tuberculoso por «médicos» dum patronato preocupados com a salvação da alma, mais do que com a do corpo. Indignado, o dr. Queraltó clamou a êsses indignos curandeiros que êles mereciam a cadeia. Tanto bastou para que o processassem e condenassem por duas vezes a 2 anos e 4 mezes de destêrro para além de 25 quilómetros em volta de Barcelona! Isto é: um deslocamento dispendioso e a perda da clientela.

Contra esta infamia ergueram-se numerosissimos protestos na Espanha e no estrangeiro. Entretanto, o dr. Queraltó apelava das sentenças. Mas o tribunal supremo confirmou uma e elevou a outra a 7 anos de destêrro, 4.500 pesetas de multa e custas!

A reacção espanhola não tem emenda, nem aproveita as lições passadas.

Primeiramente, a vítima não recua. Pelo contrário: apenas condenado, o dr. Queraltó telegrafou a Paulo Gille e Jorge Lorand estas palavras: «Ante o triunfo dos sectários afirmo a minha resolução indomável de continuar energicamente a luta pela verdade e pela justiça.»

Depois, o protesto acentuou-se extraordináriamente, sendo o movimento muito vivo sobretudo em Espanha, França e Belgica. As conferências do desterrado em Madrid foram concorridíssimas e causaram funda sensação. Os órgãos da classe médica acompanham os jornais liberais e revolucionários na indignação.

E a monarquia e o clericalismo de Espanha nada ganham com isso. Quem ganha é o dr. Queraltó, é a sua obra de sábio e de semeador, são as ideias livres.

Neno Vasco

O agulheiro católico

O agulheiro Chaulet, de serviço na cabine III, entregou um pedido de licença:

— E' para ir a uma peregrinação.

Membro do grupo de S. José, secção da «União catolica dos operários e empregados de caminhos de ferro», achava ali a vantagem de suetos frequentes para processões, missas e viagens a Lourdes. Receoso de mostrar desfavor a tão temíveis influencias, o sr. Daâ recebeu cuidadosamente o papel:

— Está bem, meu amigo. Vamos arranjar isso.

Chaulet agradeceu:

— Preciso de cinco dias, chefe; e pode ver que não lhe minto.

Abriu o *Boletim da União catolica* na pagina comprovativa e deixou o exemplar.

Tendo finalmente chegado o sr. Bernard, os sub-chefes leram ambos:

«E' este o ultimo apêlo feito aos nossos caros Unionistas para o solene encontro em Lourdes.

«Contar-nos-emos assim no santuario da Virgem imaculada.

«Oraremos pelos nossos queridos, pelos nossos bem-amados desaparecidos, pelos nossos amigos, pela França, pela igreja, pelo papa. Oraremos nesse quadro ideal dos nossos verdes Pirinéus. Ah! que perspectiva! que visão! A pé! A Lourdes! Caros Unionistas, conto convosco, e a Virgem Santa espera-vos.»

E prosseguiram:

«Apenas acalmadas as suaves sensações de Lourdes, logo a peregrinação de Montmartre...»

— Suaves m..., blasfemou o sr. Bernard. Logo que voltar, pedirá nova licença? Todos os anos é a mesma historia. Se, em vez de mandar os empregados à Virgem Maria, a mandassem vir cá, ao grupo, o serviço estaria menos desorganizado.

«Ha quinze anos, tinhamos a musica. A gente passava o tempo a concertar os turnos, escangalhados pela ausencia dos dispensados para ensaios, cortejos, recepções.

«Ao domingo, havia descarrilamentos por causa dos aprendizes postos nas cabines em substituição dos agulheiros trombones. Reagiu-se. Mas veiu S. José, e lá estão todos os musicos.»

Era raro que o sr. Bernard, habil nas palavras ambíguas, fizesse tais afirmações; mas guardava rancor á União Catolica porque o tinha ajudado mal a trepar.

(Do romance *Le Rail*)

Pedro Hamp

A lei de arrocho

Continua o movimento de protesto — Uma importante reunião no Rio

O movimento de protesto contra o infamissíma lei de expulsão de estrangeiros tende sempre mais a ganhar a opinião publica.

A agitação já se estendeu por todo o Brasil, indo repercutír fortemente no estrangeiro, onde encontrou franca simpatia na imprensa e associações populares.

E esse movimento não cessará emquanto tal monstruosidade legalizada não fôr abolida.

No Rio realizar-se-á hoje, á noite, uma grande reunião dos representantes das associações populares para serem tomadas novas deliberações sobre a agitação.

O valente e jornal de combate *A Lanterna* franqueou as suas colunas a quem quizer manifestar-se sobre o projecto de modificação da lei de expulsão de estrangeiros, que foi apresentada á camara federal pelo seu autor, o sr. Adolfo Gordo, digno deputado da não menos digna bancada paulista, e por ela apressadamente aprovado assim como tambem o foi pelo senado e depois sancionado pelo presidente da Republica, pai dos operarios, como ousam chama-lo.

Pois eu, como operario consciente, brasileiro e natural da cidade de Santos, cheio de esperança de que estas linhas serão acolhidas nas colunas deste valente jornal, venho por este meio manifestar energicamente o meu protesto contra essa monstruosidade dos ineptos governantes do Estado de S. Paulo, a qual é motivo de uma grande vergonha para o Brasil, que se tem como civilizado e sobretudo como Republica a mais liberal!

Bela liberdade!

Por ocasião da gréve dos carroceiros e metalurgicos, a policia, pisando por sobre os direitos do homem e violando a constituição cometeu toda a sorte de barbaridades contra honestos e laboriosos operarios inofensivos.

Todos sabem já que a policia, para prender e expulsar aos operarios que pelas suas qualidades de sentimentos altruistas desenvolviam todas as suas actividades em prol do movimento, assaltou domicilios, arrombou portas a altas horas da noite, justamente quando ainda esses operarios dormiam socegadamente, descançando de extenuantes fadigas do dia, sem esperar que iam ser vítimas de tanta baixa vingança.

E' o caso de se perguntar o que ela fará agora que o monstruoso projecto de modificação da lei de expulsão foi sancionado pelo presidente da Republica e está em vigor...

Oh! se antes cometeu tantas brutalidades, agora é bem facil de prever coisa muito peor. Ao meu ver parece que os dominadores do Brasil não querem operarios inteligentes para trabalhar. Querem idiotas submissos, naturalmente porque estes trabalham e sofrem sem se revoltar.

Ha uma raça que è mais idiota que certos operarios, são os hotentotes e eu aconselho ao meu Brazil abrir imigração para essa gente muito boa para trabalhar sem nunca revoltar contra a exploração capitalista.

E nós operarios brasileiros, homens livres e todos os que amam a liberdade de consciencia, estejamos de atalaia contra o despotismo burguez e capitalista e coliguemo-nos para promover uma tenaz campanha de protesto contra a lei do magno sr. Gordo, afim de conseguirmos a sua anulação.

Abaixo as violencias!
Abaixo a escravidão moderna!
Viva a liberdade!

H. Mendes.

Santos, março de 1913.

O povo contra o regimen da fome

A luta contra os ladrões do povo vai tomando vulto — Prosegue a agitação em S. Paulo — No dia 20, realizar-se-ão comicios por todos os grandes centros do Brasil.

Vai num crescendo animador a agitação popular contra a carestia da vida, provocada pela ganancia desses condecorados ladrões de casaca que, á margem das leis, não contentes em explorar o povo no trabalho e de mil maneiras mais, agora querem reduzi-lo ao regimen da fome com os seus *trusts*, associações que não passam de verdadeiras quadrilhas de salteadores.

Por toda a parte surgem os protestos, vementes, desesperados, a reclamar uma providencia para que esse estado de miseria tenha um fim proximo.

Abaixo os exploradores do povo! grita-se por toda esta capital. Abaixo os ladrões legais! continuaremos a bradar!

No Belêmzinho

O comicio deste arrabalde foi realizado no sabado, á noite, no largo S. João.

Apesar do lugar não ser apropriado, a concorrencia foi regular, demonstrando os presentes boa disposição para secundar a agitação que a Liga está levando a cabo.

Falaram cinco oradores, evidenciando a exploração escandalosa que os gananciosos açambarcadores estão exercendo sobre o povo. Fartos foram os aplausos do publico, que assim patenteou o seu protesto contra o regimen da fome.

Ficou constituido o sub-comité do bairro.

No Pari

Animado e numeroso foi o comicio realizado neste bairro, no encontro das ruas Oriente e Rodrigues dos Santos, na noite de domingo.

Sete oradores fizeram uso da palavra, exprobrando a acção nefasta dessa meia duzia de individuos que, aparecendo em publico condecorados com os titulos comprados ao Vaticano ou á casa de Saboia, vivem a explorar o povo com os seus trusts ou a envenena-lo com as falsificações e com os generos deteriorados.

Constantemente as palavras dos oradores foram abafadas com os entusiasticos aplausos do publico, entre o qual se notava bastante representado o elemento feminino.

O ultimo orador convidou o povo do Pari a tomar parte no grandioso comicio que, em combinação com todas as cidades mais importantes do Brazil, aqui será realizado no dia 20 do corrente, no largo de S. Francisco.

Depois de terminado o numeroso comicio, foi constituido o subcomité do bairro.

No Cambuci

Muito ao contrario do que se esperava, em vista de factos antecedentes, o comicio realizado neste bairro na quarta-feira, foi um dos mais concorridos.

Já antes da hora marcada havia muita gente espalhada pelo largo do Cambuci, a espera do *meeting*, que foi iniciado ás 7 e meia da noite.

Estigmatizando a obra nefasta dos açambarcadores, discursaram, com aplauso do grande publico, tres companheiros.

Encerrou a bela reunião publica o companheiro que lhe deu inicio, convidando o povo do arrabalde a tomar parte no grande comicio que se realizará, no dia 20 do corrente, no largo de S. Francisco.

Na Lapa

Neste popular arrabalde realizar-se-á hoje, ás 7 e meia da noite, um comicio no ponto terminal dos bondes.

Na Vila Mariana

Amanhã, domingo, ás 7 e meia da noite, será realizado um novo comicio neste arrabalde, no largo João Deodoro.

Outros Comicios

Durante a proxima semana serão ainda realizados os seguintes comicios:

PONTE GRANDE — Na terça-feira, ás 7 e meia horas na noite;

IPIRANGA — Na quarta-feira, á mesma hora, no ponto das fabricas;

BELÊMZINHO — Na quinta-feira, á mesma hora, no largo S. José;

BRAZ — Sabado, á mesma hora, entre as ruas Visconde Parnahiba, Caetano Pinto e Carneiro Leão;

BOM RETIRO — No domingo, á mesma hora, num ponto central.

O grande comicio

A Liga Popular Contra a Carestia da Vida, atendendo ao apelo da Confederação Operaria Brasileira, realizará um grandioso comicio, no dia 20 do corrente, no largo de S. Francisco.

Nesse mesmo dia serão realizados comicios no Belêmzinho, Pari, Moóca, Braz, Bom Retiro, Bexiga e Cambuci, devendo o povo desses arrabaldes vir imcorporado para o largo de S. Francisco.

Reunião dos sub-comités

Na quinta-feira, á noite, realizou-se uma reunião dos sub-comités dos arrabaldes, convocada pela comissão da Liga com o fim de serem ultimados os trabalhos de preparação do grande comicio do dia 20 do corrente.

Foram tomadas diversas deliberações tendentes a garantir o bom exito da agitação.

Para fazer face ás despesas dos boletins que deverão ser distribuidos pelos bairros, do manifesto geral, dos cartazes, etc., foram distribuidas diversas listas de subscrição pelos sub-comités.

Outra importante reunião

Com o mesmo fim, será realizada uma nova reunião na proxima quinta-feira, 10 do corrente.

Além dos sub-comités, deverão a ela comparecer os representantes dos circulos de estudos sociais da Moóca e do Bexiga, das associações operarias e demais grupos de propaganda.

Essa reunião realizar-se-á num salão do centro, que será previamente anunciada pela imprensa.

ASTROGILDO PEREIRA

LOYOLA, PADRE MESTRE

Lido na ultima "quinta-feira santa" na Liga Anti-clerical do Rio de Janeiro.

Quando se organizou aqui a primeira serie de palestras semanais, o nosso amigo Lacerda me falou para que eu fizesse uma. Quiz recusar. Duas razões me impeliam a isso. Duas razões muito sérias... Como sabeis, os meus trabalhos de então me absorviam todo o tempo. E era esta a razão primeira. A segunda razão... ah! esta, por vosso mal, ainda subsiste! E é que eu constituo a negação perfeita da oratoria. Sou um mau falador. Tenho a lingua pegada. E' uma lastima... Mas o amigo Lacerda insistiu. Tornou a insistir... E como não tenho má vontade de trabalhar, prometi. Mas prometi vagamente. Vagamente porque, mais forte que a vontade, eu sabia não poder dispor de tempo necessario para preparar cousa, pelo menos, decente.

Entretanto, a promessa, apesar de vaga, era uma... promessa. Ora, eu tenho a mania de cumprir tudo o que prometo. Mania irredutivel... (Vejo que estranhais o emprego, aqui, do vocabulo *mania*... Não ha de que. Reparai bem, que nem sempre é uma virtude cumprir o que se promete. Eu ofereço á vossa consideração, para exemplo, o caso que nos preocupa, neste instante...) Assim, tendo desaparecido aquela primeira razão, cogitei do problema. Como resolvel-o?

Confesso que a solução tardou... O problema era dificil. Muito dificil. Muito... Mas tinha que ser resolvido. Examinei-o, pois, minuciosamente, face por face. Destrincei-o, fibra por fibra. Desbastei-lhe as arestas. Descarnei-o. Simplifiquei-o... E, finalmente, após tão longa e paciente operação, cheguei a um resultado positivo.

Eu vol-o apresento. Ouvi...

***

Durante doze mezes eu estive internado num colegio de padres. De jesuitas. Discipulos de Loyola. Continuadores de Anchieta. Famosos educadores...

Vou contar-vos o que vi lá dentro... Não é uma conferencia. Simples reminicencias, apontadas ao sabor do momento já afastado nove anos dos factos. Sem ordem, sem metodo, mas com verdade. E' o testemunho pessoal duma quasi vitima da cruz.

Ouvi, pois...

***

1904. Fevereiro. Creio que a 22, ou a 23, eu entrava para o Colegio Anchieta... Enfim! Era a realização dum sonho desde muito ansiosamente alimentado. Eu experimentava o prazer que deve experimentar o general vencedor duma primeira batalha... Eu sentia o cheiro da polvora... o cheiro embriagador da vitoria... Estava vencida a primeira etapa duma longa jornada de bacharelatos e doutorias. Era a primeira estocada que eu, armado cavaleiro, dava no escudo do Destino. E é muito provavel que, si tivesse ao meu lado o bom senso dum Sancho Pansa, eu teria levado por diante as minhas quixotadas...

O Colegio Anchieta, situado em Nova-Friburgo, foi fundado em 1886. Pertence á Companhia de Jesus. E' um dos mais acreditados estabelecimentos de ensino do Brazil. Do longinquo Amazonas e do semi-barbaro Mato Grosso, como da requintada Pauliceia e do nosso Rio deslumbrante... dos quatro cantos deste paiz vão para lá centenas de crianças em busca de saber... em busca de aperfeiçoamento... Chefes de Estado, ministros, senadores, deputados, generais, grandes industriais, gente toda lá da *élite*, áquela sinistra casa confiam a educação dos filhos. Muitos dos grandes canalhas, que hoje nos exploram e nos oprimem, alizaram os mesmos bancos mais tarde alizados pelos fundilhos das minhas pobres calças. Muitos daqueles que ao meu lado rezaram, aí estão, pelas avenidas, de recente esmeralda, ou rubim, no dedo, doirados e importantes.

Pois nesse formidavel laboratorio de grandaços dei eu entrada, numa tarde iluminada de fevereiro.

***

Entrei. Mestre Loyola estendeu-me uma das mãos, para beijar. Foi o primeiro gesto... Ah! como eu, pobre avesinha implume, deixava-me facinar pelo brilho viperino do auel sacerdotal!... Beijei-lhe o anel. Ele me afagou a cabeça, com um sorriso enigmatico. Eu estava conquistado..

Pago o trimestre, adiantadamente, — ah! mestre Loyola não está para duvidas! — pago o trimestre, eu fui registado no livro de matriculas. Registado sob o numero oitenta e sete. Como num arrepelão, padre mestre me disse:

— Aqui dentro, você será o oitenta e sete!

Foi o segundo gesto...

No Colegio, todos os alunos são numerados. Não ha nomes. Não ha pessoas. Ha numeros. Como na caserna... E eu, durante doze mezes, fui o oitenta e sete... Lembrais-vos de Mirbeau? — ..."menos de um homem, menos de um animal, menos de uma planta: um numero."

***

O jesuita é um animal perigosissimo. Não pela ferocidade brutal; mas, ao contrario, pela manha calculada. Manha de raposa. Manha de tigre. Manha de serpente. Ou, somando: manha de homem... Si Satanaz existisse e se batesse em duelo com Loyola, eu apostava neste ultimo. Loyola dominou, venceu tudo... Tudo, menos o Tempo. Porque este é invencivel. Porque o Tempo é a propria Força...

Loyola, num plano genial, fez-se padre mestre. E multiplicou-se. Espalhou-se por toda a parte. Por toda a parte abriu escolas. A escola é oficina: oficina de cerebros. Loyola montou oficinas completas. Tão completas, que serviram de base para a multiplicação de carceres...

Quereis ouvir a descrição duma dessas oficinas? Atendei. Eu o farei, rapidamente, a traços largos...

***

Verdadeiro palacio, em conjunto. Plantado ao alto dum outeiro, ele domina a cidade. E' simbolico... Tem amplas salas. Vastos corredores. Higienicos dormitorios. Grandes refeitorios. E alcovas discretas... E' perfeito. Agrada, cativa, seduz. (Ah! Lucrecia Borgia foi a mais bela mulher que já existiu!...)

E tem uma capela, misteriosamente abafada numa penumbra mistica... Aí, dia a dia, homeopaticamente, o veneno vai sendo administrado. O processo é infalivel...

Esta é a oficina. Vou mostrar-vos, agora, como funciona.

***

O corpo de alunos (que no meu tempo chegavam a cerca de trezentos) está dividido em três grandes grupos. Três *divisões*: dos *maiores*, dos *medios* e dos *menores*, mais ou menos segundo a idade, ou o tamanho. (Eu era dos *medios*). Cada *divisão* é dirigida por um prefeito e um sub-prefeito, ambos padres. Acompanham a *divisão* por toda a parte. De dia e de noite. Ao sol e á chuva. Na capela, no *estudo*, no refeitorio, no recreio. Dormem, os dois, no mesmo dor-

mitorio dos alunos, cada um num canto separado da sala por um pano pregado nas paredes em angulo.

A não ser nas aulas, onde aliás é proibido conversar, os rapazes duma *divisão* não teem nenhuma especie de relações com os das outras. Só no caso de serem irmãos se comunicam, assim mesmo uma vez unica por semana e debaixo das vistas do fiscal. Mesmo na *divisão*, é um delito grave palestrar dois ou mais rapazes, formando um *grupinho*. Lá tambem é proibido formar grupo de mais de um!

Cada *divisão* tem o seu padroeiro e as suas côres. Dos *maiores*, o padroeiro é o Coração de Jesus, e vermelho e azul são as côres; dos *medios*, S. Luiz Gonzaga, e verde e amarelo; vermelho e verde são as côres dos *menores*, cujo padroeiro é um santo de que me não lembra agora o raio do nome... Si a memoria não falha de todo, parece mesmo que nem é um santo, mas uma santa, ou santissima: Maria, a curiosa Virgem que pariu um deus...

Esses padroeiros são festejados pelas respectivas *divisões*, nos dias assinalados no calendario com o seu nome, deles padroeiros. As côres estão na faixa e na boina de ganga que os alunos trazem, aos domingos, feriados e dias de gala. E estão tambem no pau da bandeira de cada divisão, o qual é pintado com ambas...

⁂

A' reza, porêm, cabe o papel preponderante, primordial. A oração sobrepuja tudo o mais. Um bacharel pelo Colegio Anchieta pode não saber escrever uma carta decente... pode mesmo não saber de que côr era o cavalo branco de Napoleão... — mas tem na ponta da lingua pelo menos uma grosa de orações. Necessariamente. Inevitavelmente. Fatalmente. Porque no Colegio Anchieta reza-se durante o dia todo e mais alguns minutos... Duvidais? Asseguro-vos. Juro por Satan! Atendei... A's seis e meia da manhã, ao sair da cama, uma ave-maria. A's sete horas, na missa, uma boa salada de orações de varia categoria e dimensão diversa, com pão ou sem pão... isto, é, com hostia ou sem hostia. A's sete e meia, antes do café, um latim e um *amen!* A's sete e três quartos, depois do café, outro latim e outro *amen!* A's oito, antes da primeira aula, ainda um latim e um *amen!* A's oito e cincoenta e cinco, depois da primeira aula, mais um latim e um *amen!* A's nove, ao começar a segunda aula, mais outro latim e outro *amen!* A's nove e cincoenta e cinco, terminada a segunda aula, mais latim e mais *amen!* A's dez... um pouco de folego. A's dez e meia, antes do almoço, tambem um latim e um *amen!* A's onze, depois do almoço, outra vez latim e *amen!* Das onze ao meio dia... — descansai!... — joga-se o *foot-ball*. Depois vem o *estudo*, que começa por um latim e um *amen!* e por um latim e um *amen!* acaba, pouco antes das duas da tarde. Das duas ás quatro, um par de aulas, que exigem, consequentemente, quatro latins e quatro *amen!* Segue-se o jantar... E antes da sopa ha um latim e um *amen!* que se repetem depois da banana. Após o jantar, e até ás seis horas, pela segunda vez se joga o *foot-ball*. A's seis e cinco principia o ultimo *estudo*, encabeçado, já se vê, por outro latim e outro *amen!* A's oito termina o estudo. Termina com uma tragedia... Reza-se o terço. Sabeis o que é o terço? Nada menos que isto: uma invocação preliminar, quatro padre-nossos, quarenta ave-marias e uma salve-rainha. Apenas!... Mas não acabou ainda... Segue-se o chá, entre os dois latins e os dois *amen!* E ás nove, finalmente, vai-se para o dormitorio. E os ultimos latins e os ultimos *amen!* ecoam, cambaleantes de sono e de cansaço...

A's seis e meia do dia seguinte recomeça a mesma historia. E assim, ininterruptamente, durante todo um ano letivo de nove mezes. E assim, fóra o intervalo das férias, durante os seis anos do curso...

E o interessante é que, pelo menos até ao quarto ano, nenhum rapaz percebe o tal latim. Reza sem saber o que reza. Imaginai a sinceridade de tais orações... Mas não importa. O essencial, para mestre Loyola, é que exista a aparencia de sinceridade. E a fama é justa, quando diz que padre Loyola é o mestre inexcedivel da "arte da aparencia"...

Eu não sei si alguem dentre vós já leu algum livro de orações. E' uma cousa estupenda. Prodigiosa. Abracadabrante. Dar-vos-ei um exemplo. Tenho ainda em meu poder um volumesinho funebre, de capa preta e folhas doiradas, com 386 paginas. Intitula-se ADOREMUS! *(Manual de orações e exercicios piedosos principalmente para uso da juventude cristã).* A' pagina 114 deste livrinho está o seguinte *acto de desejo para antes da comunhão*, que transcrevo tal e qual, com cacofato e tudo:

"Regosija-te, alma minha! Eis aqui o Rei do céu, o teu Redentor e Deus, teu divino Esposo que vem a ti. Vinde, ó Jesus, minha esperança e consolação, minha vida e minha alegria, meu Deus e meu tudo! Meu coração muito Vos ama; vinde, visitai-me, santificai-me, fortificai-me e conduzi-me, pela graça desta Sagrada Comunhão áquele banquete divino, onde Vos hei de possuir e gozar eternamente."

Parece um uivo de mulher histerica e nefelibata, ao entregar-se á "rubra comunhão". Aspasia não o faria mais eloquente, ante, o *falo* imortal...

(CONTINUA).

A "Lanterna" transformada em diario

Demos desde já inicio aos trabalhos para a publicação do nosso diario! — Maôs á obra!

Sobejamente demonstradas estão as grandes vantagens que traria para o desenvolvimento da propaganda a publicação diaria deste jornal de lutas, deste modesto mas sincero mensageiro da causa da emancipação humana.

Fortamente demonstrada está tambem a simpatia e o entusiasmo com que foi recebida a nossa proposta dessa grande iniciativa.

De toda a parte nos vêem demonstrações validas de apoio, notando-se uma grande animação entre os amigos do jornal.

O semanario é insuficiente para satisfazer as necessidades sempre crescentes da luta. E, na razão directa do aumento das exigencias da propaganda popular, acentua-se o espirito reacionario da grande imprensa, o que não é de estranhar, dada a sua missão de defensora dos potentados e da gente clerical.

Precisamos, pois, de um diario. E a *Lanterna*, pela sua feição de orgam das forças da vanguarda, pode e deve ser aqui o seu cotidiano.

E nós endemos que isso deve ser feito já. No proximo numero assentaremos com melhores detalhes os trabalho que devemos atacar imediatamente para conseguir o nosso desiderato.

Como sabemos que diversos assinantes não receberam o coupon do nosso emprestimo, resolvemos fazer nova remessa dele com este numero.

A devolução do coupon deve ser feita imediatamente para sabermos com quanto poderemos contar.

Por que protelar mais?

Amigo Edgard:

Saudações.

Ha muitos dias que desejava escrever-lhe a respeito do meu apoio á transformação da *Lanterna* em diario.

As minhas forças não me permitem fazer um grande sacrificio, mas assim mesmo procurarei assinar uma acção.

Desejo com toda a força da minha alma que a *Lanterna* diaria seja um facto, para melhor dar combate a esta caterva de vagabundos de batina e casaca, a esses D. Juans de capa e espada, enfim a todos estes reptis venenosos que vivem explorando, oprimindo e desonrando a humanidade.

Cabo Verde, 16 — 3 — 913.

Narciso Parelini.

⁂

Prezado amigo e sr. Edgard:

Saudações a todos.

Por motivo de caracter intimo e tambem devido a afazeres em excesso nos ultimos dias, não me foi possivel enviar antes o compromisso de subscrição para formar o fundo necessario para transformação da *Lanterna* em diario.

Junto vai pois o aludido compromisso, devidamente assinado.

Presentemente é o que posso fazer. Se, porèm, no momento da emissão das acções me for possivel prestar maior apoio, não me furtarei a esse dever.

Amigo e correligionario, *Paulo Afonso da Rocha Pinto.*

Itu, 15 — 2 — 915.

⁂

Amigo sr. Edgard Leuenroth:

Saudações.

Damos-lhes nosso franco e decidido apoio na publicação diaria da *Lanterna*; pois é de grande proveito a propaganda assim feita.

Serrinha-Pedras, 3 — 3 — 913.

José Ferreira Silva, José Luiz Ramos, Antonio da Silva Ramos.

⁂

Companheiro Edgard:

Salud.

Retardei um pouco mais esta carta porque, desejoso que este pequeno Grupo concorresse para a bela ideia de publicar a *Lanterna* diaria, era necessario fazermos uma reunião, o que só foi conseguido quarta-feira passada. Junto remeto o compromisso de 2 acções que o nosso Grupo deliberou subscrever.

Secretaria do Grupo Anticlerical da Ponta do Cajú. — O secretario, *João Louzada.*

Rio, 18 — 3 — 913.

⁂

Prezado companheiro Edgard Leuenroth:

Cordiais saudações.

Junto a esta envio-lhe o coupon firmado e preenchido com o numero de acções do meu compromisso.

Faço votos para que a *Lanterna*, diaria, com sua luz ofuscante, leve de vencida a negra Sociedade Jesuita, cancro que deve desaparecer para sanear o mundo.

S. João da Bocaina, 12 — 3 — 913.

Antonio Bartelotti.

⁂

Sr. Edgard Leuenroth:

Só hoje me é possivel participar-lhe a boa vontade que tenho em ver transformada a *Lanterna* em diario. Por ter estado fóra do lugar deixei de lhe escrever ha mais tempo. Pode o meu bom amigo contar com 2 acções. Não é por interesse que assim procedo, mas pelo gosto que tenho de ver a *Lanterna* cotidiana, o que será util a muita gente que anda iludida com falsas doutrinas, dominada pelos bonzos de saia preta.

Jaboticabal, 5 — 3 — 913.

João dos Santos Perdiz.

⁂

Amigo e companheiro Edgard:

Saudações.

A publicação diaria da *Lanterna* tornar-se-á um dos mais poderosos elementos de combate de que poderemos dispor contra o nefasto clericalismo.

E' digna de aplausos tão brilhante iniciativa.

S. José, Santa Catarina, 12 de março de 1913.

C. de Lippe.

⁂

Apoio a transformação da *Lanterna* em diario e subscrevo uma acção.

Mato Grosso de Batatais.

José Leovigildo Martins.

ADOLFO VAZQUEZ GOMEZ

Quando aparecer este numero da Lanterna, *já se encontrará entre nós este propagandista do livre-pensamento.*

A bordo do Itaperuna, partiu ele de Rio Grande, devendo estar em S. Paulo no domingo, chegando na Estação da Luz no trem das 6,40 da noite.

A Santos irão espera-lo diversas comissões e em S. Paulo, na gare da Luz, a comissão prepara-lhe um festivo acolhimento. Com esse fim vai ser hoje distribuido um boletim pela cidade.

Como já dissemos, Vazquez Gomez vem realizar diversas conferencias nesta capital, e no interior, se os amigos assim o entenderem.

Os companheiros das cidades onde aja possibilidade de serem organizadas conferencias e que queiram aproveitar a ocasião, devem escrever imediatamente ao sr. Ricardo Navajas Martinez, rua do Hipodromo, 17.

Em S. Paulo estão sendo organizadas diversas conferencias, das quais provavelmente algumas serão realizadas na proxima semana. A elas deverão comparecer numerosos os livres-pensadores desta capital.

NO RIO

FESTA DE PROPAGANDA SOCIAL

O Grupo Dramatico Anticlerical, novel e proveitosa agremiação fundada por um nucleo de activos socios da Liga Anticlerical, organizou uma magnifica festa de propaganda, que se realizará no dia 30 do corrente, no Teatro Centro Galego.

E' o seguinte o seu bem compilado programa:

1.ª PARTE — *Primeiro de Maio*, drama social em 1 acto, de Pedro Gori;

2.ª PAREE — Conferencia pelo camarada dr. José Oiticica, que dissertará sobre o tema — *O trabalho livre*;

3.ª PARTE — *Amanhã!* peça social em um acto de Manuel Laranjeira;

4.ª PARTE — Baile familiar.

Os cartões de ingresso para esta bela velada encontram-se na séde da Liga Anticlerical, rua Marechal Floriano Peixoto, 118.

Secção amena

O vigario encarregou o sacristão de ir para o teto da igreja, afim de, pelo buraco proximo do altar-mor, soltar um pombo, quando ele no sermão invocasse a vinda do Espirito Santo. Um milagre de grande e rendoso efeito, pensava o cura. O sacristão obedeceu; mas, lá em cima, escorregou e caiu sobre o pombo, esborrachando-o.

Chegado o momento psicologico, o astuto padre-cura suplicou com largo gesto, voltando-se para o ponto combinado:

— O' divino Espirito Santo, desce! desce das alturas, sobre a cabeça destes humildes pecadores...

Nesta passagem, o sacristão enfiou a cabeça pelo buraco e gritou:

— Impossivel, sr. vigario! o coitado arrebentou!

Segundo refere o Asino, um padre italiano tinha recebido como presente dum missionario um macaco que imitava fielmente pessoas e animais. No dia da festa do padroeiro, veio o bispo jantar na residencia paroquial, e admirou muito o inteligente simio, que comia a seu lado.

— Faz tudo o que me vê fazer, tudo! explicava o paroco, satisfeito.

Nisto entra a criada, e o macaco, agarrando-a pela cabeça, aplica-lhe um beijo repenicado no pescoço...

O prelado ficou estupefacto, e em seguida voltando-se, malicioso, para o pastor de almas:

— E aquilo... a quem o viu ele fazer?

A Igreja no movimento operario

La Vie Ouvrière, de Paris, que revelou o perigo da acção da Igreja no movimento operario, mostrando a força numérica da organização catolica dos ferro-viarios, dirigiu a todos os secretários dos grupos do sindicato nacional dos ferro-viarios o apêlo seguinte, firmado por P. Monatte.

«Meu caro camarada.

«De todos os lados, amigos e inimigos da *União Católica dos Caminhos de Ferro* anunciam os progressos feitos, desde a greve de 1910, por esta organização confessional. Conta hoje 420 grupos espalhados por todas as redes. Agrupa 50 mil ferro-viarios, dizem uns; 100 mil, dizem outros. Julgamos a cifra de 20 mil mais próxima da verdade, mas já suficientemente temível.

«Parece-nos de necessidade urgente reunir sobre tal organização todas as informações que permitam medir-lhe a força e o perigo.

«São essas informações sobre o grupo da União Catolica da vossa localidade e sobre os grupos das localidades vizinhas que nós vimos pedir-vos. As informações que nos fornecerdes, reunidas às que recebermos dos vossos camaradas dos outros grupos sindicais, coligidas e publicadas, tornarão evidentes, estamos disso convencidos, esta verdade: que a União Catolica desempenha uma tarefa de corrupção, de aviltamento moral, de encadeamento material em beneficio das Campanhias ferro-viárias.

«Pedro Hamp, autor do *Rail*, numa carta que recentemente nos dirigia, pintava com nitidez vigorosa a missão exercida pela União Catolica:

«O seguro contra a alta dos salários que é a beneficencia da Igreja catolica, a polícia industrial que é o clero paroquial, a escola de servilismo que é o grupo religioso, é nisso que eu vivo. E' isso o que eu suporto.»

«E' isso que viveis e suportais, vós tambem, caro camarada. E' isso que nos deveis relatar pormenorizadamente, por meio de factos, por meio de exemplos recolhidos em volta de vós.

«Assim fareis, espero, respondendo diligentemente e ponto por ponto às quatro perguntas seguintes:

1) Em que época, por quê meios e por quem foi constituido o grupo da União católica da vossa localidade? A administração dos caminhos de ferro fez pressão, de qualquer forma, para obrigar empregados a aderirem a êle?

2) Qual é o funcionamento do grupo? Quais os membros honorarios que pagaram o estandarte, as insignias, as assignaturas do Boletim da União catolica*?*

Quais as obras de caridade no grupo ou ao lado? Quem delas tem os encargos?

Qual é a actividade do grupo? Reuniões, festas, patronatos, distribuição de jornais?

3) Qual é a atitude dos membros do grupo em frente da organização sindical? Si o grupo existia ao tempo da greve de 1910, que papel fez então?

4) Por que meios poderia a organização sindical reconquistar o terreno ganho pela União catolica?

«Não negareis o vosso concurso a este inquerito; ajudar-nos-eis a erguer a montanha de informações sob a qual será esmagada a União Catolica dos Caminhos de Ferro. Assim, trabalhareis, trabalharemos juntos para reforçar a organização sindical dos ferro-viarios e para defender as ideias de dignidade operária, de libertação proletaria, que nos são caras.»

Julgamos interessante para o operariado brasileiro a reprodução desta circular, e cremos que análogo inquérito já se poderia fazer no Brasil, sobre organizações operarias catolicas de varios oficios.

E' em todo caso conveniente que os militantes dos sindicatos vigiem o «crumirismo» católico, que muitas vezes se levanta na sombra, paulatinamente.

Os ex-padres

Numa cronica de Paris, Gomez Carrillo refere-se aos padres que, por um dia reconheceram que não possuiam a fé, ou por não poderem curvar-se ao jugo tiranico de Roma, abandonaram a Igreja. ingressando na sociedade civil. Não são tão poucos em França que ali não exista uma associação intitulada *Union des Anciens Prêtres Catholiques de France* cujo presidente, o abade Vessié, enviou ao cronista uma carta em que se queixa de que nessa sociedade civil o padre *defroqué* não encontre senão uma atmosfera de hostilidade, que vem ainda agravar o anatema que os crentes lhes fulminam.

Diz com razão Gomez Carrillo que não se compreende esse anátema, ou antes, compreende-se demais. Pois se um padre reconhece não ter a fé, não anda dignamente saindo do gremio de uma religião que já não pode em consciencia prégar? A isto respondem os fieis: «Primeiro do que tudo, deveria evitar o escandalo». O escandalo está na saída da Igreja; não está na hipocrisia, na mentira, no acto abominavel de adorar a Deus com os labios, renegando-o no coração! E' esta a moral catolica, para a maior parte dos que professam essa religião de uma maneira verdadeiramente praticante. Mas, se essa moral catolica é odiosa, a moral social não o é menos. Porque motivo acolhe ela com hostilidade o padre que sinceramente abandonou uma religião em que ela não crê? Repele-o, por ele ter acabado por pensar como ela pensa? Não ha atitude de mais absurda nem mais injusta. O catolico ainda pode estar cego pelo fanatismo. Ela não o está. Procede friamente, sem ter uma razão a alegar, e no fundo faz o jogo do Vaticano, colocando o padre catolico na obrigação de sufocar a sua consciencia, prolongando uma situação que ofende o verdadeiro espirito religioso assim como repugna ás consciencias livres e rectas.

Mayer Garção

Aos assinantes da Paulista

Avisamos aos nossos amigos da Linha Paulista que vão ser visitados pelo nosso companheiro viajante.

Lembrem-se todos de que sem azeite a Lanterna *não poderá alumiar o que por aí vai...*

O QUE VAI PELO MUNDO

Resenha internacional do movimento anticlerical, livre-pensador e social

Austria

A RIQUEZA DO CLERO — O principe-bispo de Salzburgo tem um rendimento de Kr. 20.000; o arcebispo de Olmutz, Kr. 700.000; o de Praga, Kr. 184.000; e o bispo de Linz, Kr. 100.000. O total dos bens do clero na Austria é de 366.887.987, sendo os seus rendimentos de Kr. 23.926.431. Só os legados pios rendem Kr. 19 milhões, e as casas congreganistas Kr. 450.000.

Por aqui se calcula a força economica e politica da Igreja, a sua enorme influencia, o seu espirito conservador, o mesmo que leva o jornal catolico *Katolische Deutschland* a incitar ignobilmente a Austria a uma aventura guerreira. «Agora ou nunca!» clama a imunda folha.

O' Cristo de paz e amor!...

OFICIAIS DO MESMO OFICIO — Missionarios duma sociedade de Hamburgo foram á Bosnia á conquista de adeptos. Ali entraram em relações com os jesuitas, que se mostraram amaveis e discutiram com eles em particular. Contentes, os missionarios julgavam-se deste modo com licença para a sua propaganda, quando receberam ordem de abandonar a região... Nada de concorrentes — em quanto não for constituido o *trust* das religiões...

Russia

AMNISTIA — Esperava-se que, por ocasião do proximo tricentenario do advento dos Romanoff, o mesquinho e vingativo tsar se decidisse a conceder uma amnistia politica. Para ser esta larga e completa, começava a agitar-se a opinião europeia. Citemos, por exemplo, a notavel conferencia realizada em Paris por Francis de Pressensé.

De 1901 a 1906, houve na Russia 37.620 condenações — 20 por dia. Houve 8.100 condenados á morte, sendo 5.735 por crime politico. Destes foram executados 4.236. Mas as execuções «irregulares», durante os *pogromes*, calculam-se em 21.183.

As prisões russas podem conter no maximo 100.000 presos: estavam nelas encerrados 220.000! As epidemias não cessam lá dentro. Numa prisão da Siberia, os presos são divididos em dois turnos, os quais se sucedem na mesma noite nas mesmas camas! Não ha trabalho, que tanto distrai, e a alimentação é abominavel. A tortura é sistematica; a chibata trabalha sem repouso.

TOLERANCIA RELIGIOSA — O governador de Tiflis dissolveu a seita dos «sabatarianos» porque «a lei russa (ukase de 17 de outubro de 1906) só tolera as seitas cristãs, ao passo que os sabatarianos, admitindo apenas os livros do Velho Testamento, não podem ser considerados como cristãos»,

O Santo Sinodo, consultado pelo ministro do interior sobre se os israelistas poderiam usar os nomes de batismo cristãos, respondeu que «as pessoas de confissão judia não podem preencher as "condições especiais do nome cristão» (simbolo de comunhão com Cristo e de união mistica com os seus eleitos), e cometeriam sacrilegio usando-o!

CATECISMO ATEU

Com o intuito de desenvolver a nossa obra, o Grupo de Educação Social mandou vir de Portugal o resto da edição deste esplendido folheto que, pela simplicidade de sua linguagem e a solidez da sua argumentação, é muito apropriado para a propaganda no seio do povo, entregue aos preconceitos embrutecedores da religião.

Está á venda nas seguintes condições:

Pelo correio:

100	12$000
50	6$500
25	3$500
1	$200

Na redacção:

100	10$500
50	5$500
25	3$000
1	$200

A todas as sociedades, grupos e companheiros que se dedicam á propaganda emancipadora recomendamos o Catecismo Ateu, *que será substituido por outro folheto, logo que tenha sido esgotada a sua edição.*

O Grupo de Educação Social tem tambem a sair do prelo o excelente folheto de Malatesta — Entre Camponeses.

O CASO DE GUAXUPÉ

A' ultima hora recebemos uma carta sobre o já celebre caso de Guaxupé. Fica para o proximo numero.

«A LANTERNA»

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de jornais, do sr. Antonio Scafuto, rua 15 de Novembro, 51.

Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Ventura Sierra, rua Major Diogo, 150 A.

Roubalheiras clericais

A padralhada continua a roubar os terrenos publicos.

Li em vosso numero de 25 de janeiro o vosso protesto contra a injustificavel concessão de terras pertencentes ao povo, dadas de mão beijada pelos camaristas de Amparo aos frades que se acham aquartelados na igreja de S. Benedicto, a pretexto de fazerem eles ali uma escola para crianças, que, infelizmente, só servirá para as entorpecer, tornando-as superticiosas com os seus funestos preconceitos.

Infelizmente não é só por esses lados que isso se verifica, aqui mesmo na capital da Republica, no Morro do Castelo, os frades ali aquartelados, os barbadinhos, lançaram mão, não sei com que direito, de uma grande faixa de terra de utilidade publica, contigua ao convento, tendo aí construido um edificio que, dizem eles, se destina a um colegio de crianças pobres, achando-se já pronto, esperando-se agora somente a inauguração.

H. Romão.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

A reunião de propaganda sindical — Regularmente concorrida e bastante animada esteve a reunião de propaganda da organização operaria de resistencia, realizada na segunda-feira, á noite, no Salão Alhambra e promovida pelo Sindicato Operario de Oficios Varios.

Falaram varios companheiros sobre a necessidade da união dos trabalhadores com o fim de conseguirem melhorar as suas condições actuais, assim como para se prepararem para a luta em pról da sua completa emancipação.

Aos presentes foram distribuidos em avulsos as bases de acordo do Sindicato Operario de Oficios Varios e do Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes, que já se acha fundado.

Foram numerosas as adesões de novos socios aos dois sindicatos.

Sindicato Operario de Oficios Varios — Segunda-feira proxima, 7 do corrente, realiza-se uma nova assembleia geral dos socios deste sindicato, ás 7 e 1/2 da noite, na rua do Riachuelo, 43.

Todos os associados devem comparecer. Tambem poderão tomar parte nesta assembleia todos os operarios que queiram aderir ao Sindicato.

Sindicato dos Pedreiros, Estucadores e Serventes — Realizou-se na quinta-feira, á noite, a reunião da classe dos pedreiros, convocada pelo seu sindicato.

A concorrencia foi bastante numerosa, notando-se geral animação no seio da classe.

O representante do S. O. de O. Varios expoz o fim da reunião, que era o de chamar os pedreiros e anexos á sua associação, cujo programa é a defesa ampla dos direitos da classe.

Entre os presentes houve uma animada troca de ideias sobre o que ha a fazer para o desenvolvimento dos trabalhos sociais.

Foram registadas mais diversas adesões ao Sindicato, que foi fundado pelo Sindicato Operario de Oficios Varios já com quasi 200 socios.

Grande velada de propaganda — Está sendo cuidadosamente organizado o programa da festa de propaganda que o S. O. de O. Varios realizará em 24 de maio vindouro.

Greve de metalurgicos — Encontram-se em greve os operarios da oficina mecanica do sr. Rafael Stamato, sita á rua Santa Rosa, 2.

Na quarta-feira, nas diversas secções daquela oficina, foi afixado um regulamento estabelecendo multas e outras determinações prejudiciais e vexatorias para os operarios que, num espontaneo e geral movimento de repulsa, resolveram não aceitar essa imposição.

Uma comissão foi se entender com a gerencia, que encarregou os operarios de compilar um novo regulamento, o qual foi no mesmo dia por eles apresentado.

Ficou assentado que no dia imediato os operarios teriam uma resposta, e como esta foi desfavoravel, dizendo o gerente que quem quizesse trabalhar havia de se sujeitar ao regulamento da casa, todos, sem excepção de um só, retiraram as suas ferramentas, resolvendo não retomar o serviço emquanto não forem atendidos na sua reclamação.

A solidariedade entre os operarios é a mais completa, estando os trabalhos inteiramente paralizados.

EM BELO HORIZONTE

A' ultima hora recebemos uma correspondencia de Belo Horizonte, dando-nos noticias do movimento operario daquela capital e de uma greve ali declarada ha dias.

Pretendendo os directores da «Empreza Democrata» violar a compromisso que estabeleceu a jornada de 8 horas, os seus operarios, funileiros, bombeiros, serralheiros, pintores, etc., puzeram-se em greve.

Os grevistas avisam os seus colegas de outras cidades que não atendam a chamados daquela cidade.

NO MACHADO

No dia 9 do mez p. p. reuniu-se a administração da «Liga Operaria Machadense», comparecendo quasi todos os seus membros.

Já se eleva a 55 o numero de associados desse sindicato.

A assembleia geral dos socios terá lugar no domingo, 6 de abril, á 1 hora da tarde.

A L. O. M. espera poder instalar brevemente um curso noturno gratuito, para os seus associados ou pessoas a eles relacionadas.

FISCAL VALENTÃO

Ha certos individuos que quando envergam uma farda qualquer sentem-se logo cheio de si e põem-se a roncar bravatas. Os botões amarelos enche-os de valentia.

E' o caso do Benedicto da Silva, que, ha dias, na rua Rodrigues dos Santos, tentou prender um pobre homem que levava um embrulho debaixo do braço. Como o infeliz protestasse, o fiscal valentão puxou do revólver para o submeter, agarrando-o brutalmente.

O sr. Alberto Cardoso, que assistia a essa brutalidade, indignado, interveiu em favor da vitima da furia do *zeloso* fiscal, protestando contra a sua maneira violenta.

Tal não fizesse! O homem da farda e dos botões reluzentes chamou uma praça e mandou-o para a Central.

E o sr. Alberto Cardoso lá esteve diversas horas, detido estupidamente, perdendo o seu dia de trabalho, sem que o tal fiscal aparecesse.

Sempre ha certos tipos... Mormente quando uma farda lhes cobre a barriga...

Bilhetes e recados

Rio Preto — G. V.: Seja feita a sua vontade... Saudações.

Santos Dumont — M. de M.: Deve ter havido extravio, porque não a recebemos. Fizemos a transferencia. Mandaremos a nota. Saudações.

Pirajú — L. M.: Seguiu a nota. A ambos desejamos feliz viagem. Saudações.

S. Roque — C. N.: Coisas do correio, pois ela daqui foi expedida na sexta-feira, como de costume. Gratos pelo aviso. Saudações.

Rio — Abranches: Foram a lista e o papel. Registados os novos assinantes. Cá te esperamos. Saude!

Caxambú — D. M. R.: Provavelmente sujeitaram-na ao sacrificio das chamas... Saudações.

Rio — Myer: Entreguei-os ao Orellana. Registado o novo assinante. Daqui segue ela todas as sextas-feiras. Arranjou algum freguez, com certeza... Gratos pela copia. E' do *C. A.* Pertence ao G. E. S. Saude!

Rio Grande — Amigo dedicado: Em mão o seu postal. E' uma causa justissima que nos dá ocasião de fazer penetrar no povo a nossa propaganda. Sim, faremos tudo o que estiver em nós. Saudações.

Lapa — J. L.: Recebido o compromisso. De acôrdo com o conteudo da sua. Saude!

Rio — Jango: Tudo isso é produto da impaciencia. Ha muito a fazer, enquanto que os militantes são poucos. Daí... Mas, vai-se ganhando terreno. Pena foi que abandonassem a tal iniciativa para o 1º. de maio. Vamos procurar o cliché. Muito acertada a ideia da transformação da F. G. em sindicato. Ser ou não ser. Saudações de todos.

Porto Alegre — J. H.: Recebida a lista. De cada um segundo as suas forças... Se não a tivessemos já teriamos perdido o nosso lugar junto ás 11 mil virgens. Saudações ao Pol., Fel., Car. e mais companheiros.

Rio — Adrecal: Sairá o apelo como queres. Oxalá dessa reunião tenha saido algo de pratico para a propaganda popular. Saude!

S. Manuel — L. S.: Providenciámos quanto á irregularidade. Seguiram os ns. estraviados. Saudações.

Floriano — H. F.: Seguiu o recibo da assinatura paga e os ns. pedidos. Foi feita a transferencia. Saudações.

Iporanga — J. E. da F.: Fizemos a transferencia. Antecipadamente lhe agradecemos o que fizer em favor do jornal. Saudações.

Santos — M. C.: Já recebeste a peça? Cuidado, não a percam. Saudações a todos.

Mato Grosso de Batatais — T. C.: Mandaremos o pacote. Saudações.

S. Luiz — F. D.: O jornal tem sido remetido pontualmente. Estamos á espera de uma nova remessa do livro para remete-lo registado. Saudações.

Sete Lagoas — F. A. da C.: Satisfizemos o seu pedido. Saudações.

Barretos — O. B.: Recebemos a ordem para o pagamento da publicação feita. Assim procedessem todos aqueles que sentem realmente a necessidade da propaganda. E' preciso dar-lhes combate sem treguas. Saudações.

Brodowsky — J. J. S.: Seguiram os folhetos. Aqui ainda não apareceu esse livro, nem o vimos anunciado em portuguez. Saudações.

Nicteroi — Gildo: Muito boa a *trapalhada*. Gratos pela tradução. Bela pagina. Sugestivos os titulos dos artigos da tal revista. E que os deixemos em paz... O R. recebeu a carta do C. sobre o papelorio. Uns pandegos os srs. da legalidade. O nosso *novo* continua valente, hein? Saudações de todos.

? — Conselho de S. S. G.: Temos inteira consciencia do grande valor da nossa obra e por isso nada nos fará arredar da rota que traçamos. No campo da propaganda ha muito que fazer, é vastissimo; que cada qual desenvolva, pois, a actividade da forma que lhe pareça melhor. De pleno acordo com as vossas considerações. A luta não nos permite perder tempo com coisas de tal jaez. Mandaremos nova lista para o endereço já indicado. Saudações a todos os lutadores daí.

Rio — E. M. P.: Obrigados pelo recorte. E' preciso redobrar de actividade para deter-lhes os passos. Registado o endereço. Saudações.

Guaxupé — N.: Recebido o jornal. Somos-te imensamente gratos pela tua espontanea e enternecedora defesa. Realmente deve ter causado surpresa. A quantia entreguei-a ao comité da L. P. C. a C. da V., para auxiliar a proveitosa agitação que estamos fazendo. Saudações.

Porto Alegre — B. S.: Recebida a correspondencia, que sairá na proxima semana. Modificamos o endereço. Vejamos se agora será entregue com a pontualidade com que daqui a expedimos.

Rio Grande — A. M. B.: Lamentamos os dolorosos transes por que acaba de passar, folgando, entretanto, que a mesma energia o anime para a luta. Essa é a triste odisseia de todos que vivem do proprio trabalho. Já registamos o endereço mencionado. Achamos boa a ideia da venda publica. Saudações aos companheiros dessa cidade.

Nicteroi — J. M.: Recebido o vale de 45$ para pagamento das 4 assinaturas, pacotes e livros. Foram os ns. pedidos e o resto para o *A. C. a P. VII* não temos. Acertamos o assentamento da assinatura de O. A. Curioso o recorte. Paciencia, sim. E... que Satan te livre dos maus olhares...

Rio — Macedo: Seguiram os folhetos e a musica. Desculpe a demora. Saude!

A "LANTERNA"

E Mato Grosso de Batatais

Mais um...

Dentre os tartufos miseraveis e gananciosos do metal e da honra, afeitos ao crime e ás baixezas mais reles e vis, emigrados para o Brasil, procedentes do velho Portugal, que não os pode suportar mais, vendo-se na dura contingencia de expulsa-los, infelizmente, desgraçadamente, um deles, criminoso lá na bela patria de Camões, segundo dizem os jornais de 1.º de dezembro de 1912, veiu montar por estas paragens a sua tenda de miseravel exploração.

Logo que arribou por estas bandas, esse tonsurado de batina não tardou a mostrar os seus sentimentos baixos e a sua completa falta de bons sentimentos; nem podia ser de outro modo, acostumado como estava ao dominio e poderio no governo monarquico de Portugal, onde, pelo que dizem os jornais já acima referidos, chegou até a colocar bombas de dinamite debaixo de um comboio, mostrando assim o seu sentimento de criminoso reles, vil e baixo — um completo desalmado.

Como que para começar as suas façanhas e dar a conhecer os seus sentimentos, esse morcego de batina, levado pela ganancia descomedida, para colocar um cunhado de s. reverendissima, que é moço forte e robusto, e, além de tudo, profissional, despediu do cargo de sacristão um pobre velho de 76 pesadissimos e longos anos, do qual tirava a sua mingoada subsistencia; cargo esse que ocupava ha 40 e tantos anos, e que, sem ele, para viver, com a idade que tem e já imprestavel, tem de esmolar. Mas, era necessario assim fizesse esse miseravel tonsurado, porque, em primeiro lugar, para ele, não está o sentimento de caridade de apregoa ser o esteio da sua Igreja-barraca, mas sim o de ganancia e arranjo para o cunhado.

Depois, não contente com a primeira mostra do *pano*, quiz subornar o zelador do cemiterio para que este não consentisse que se fizessem enterros sem que o morcego de batina acompanhasse o defunto, para, desse modo, não deixar escapar das suas unhas aduncas os *santos cobritos* da encomendação.

Não satisfeito ainda, tratou logo de fundar um colegio, onde, segundo dizem, começou esse tartufo a abraçar, beijar e apalpar os peitinhos das alunas, pretextando querer ver o desenvolvimento, como se não bastasse o já celebre confessionario, principal factor da prostituição.

E assim, vai esse miseravel coroado se introduzindo no seio da sociedade deste lugar como um cancro no corpo humano.

Infelizmente, para a sociedade deste lugar, dentre as pessoas bem colocadas daqui, a maior parte delas protege apoia e bajula esse ente miseravel, emprestando-lhe até qualidades que ele nunca tem e nem nunca terá.

Um catolico.

EM FAVOR DE KROPOTKINE

Recebemos mais a seguinte lista, aberta pelo companheiro Joaquim Haffmeister, de Porto Alegre, para auxiliar os companheiros de Portugal nas despesas que iam ter com a estadia naquele paiz, em tratamento de sua saude, do querido companheiro Pedro Kropotkine:

J. Haffmeister	2$000
Gregorio Rosa	1$000
Um discipulo	1$000
J. B.	1$000
Tarquinio Extrapazon	2$000
Valdomiro Lena	500
Rita Brancheres	500
Total	8$000

***

Conforme dissemos em nosso numero passado, em vista de, ao que parece, ter o grande sociologo desistido da viagem a Portugal, resolvemos consultar as pessoas que contribuiram para esta subscrição sobre o destino a dar ás quantias a nós enviadas.

Aguardamos a pronta resposta de todos.

Pelas publicações

La Revista Popular, publicação semanal fundada em 911 pela associação «Protetora de Estudiantes Pobres» — Talcahuano, Chile.

Temos recebido com satisfação esta bem feita revista, que se publica semanalmente em Talcahuano, no Chile.

«La Revista Popular» enviará gratuitamente um exemplar de amostra a quem lh'o solicitar acusando o nome da *Lanterna*. Mantêm outrossim um gabinete de leitura em sua séde, franqueado aos seus leitores e aos estudantes, para o qual solicita o envio de publicações. O seu endereço é: Cassila 69, Talcahuano, Chile.

Postais de Ferrer

Temos á venda postais com o retrato de Ferrer

Preço: 1 duzia 1$500 e avulso 200 réis.

FOLHETIM DA LANTERNA (40)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

SEGUNDA PARTE

Flor de Maio

VXII

MILAGRE!

— Seja como for, disse D. Mafio, conciliador, ou de fome ou de sêde, estamos condenados a morrer aqui. Dentro de algumas horas..

Interrompeu-o um grito de frei Oremus:

— Céus! que vejo?

— Que é? disse D. Mafio, aterrado.

— Ali... naquele canto escuro... debaixo daquelas latas... Oh!

Tinha avançado para o sitio indicado e agora voltava para a luz com uma garrafa, que examinou contra a claridade.

— Vinho! E' vinho! Salvo, meu Deus!

E de joelhos, com á garrafa nos braços, dirigiu ao céu, isto é, ao teto da adega, uma prece em acção de graças... Depois voltou ao canto e contou ali cincoenta e duas garrafas empoeiradas.

— Louvado seja Deus, irmão! Não morreremos de sêde. Cincoenta e duas garrafas bem contadas... Mas onde estais, D. Mafio?

— Aqui, respondeu D. Mafio do alto.

Estava empoleirado num escabelo, a um canto, e não tardou a descer com um enorme presunto, que suscitou a admiração do proprio frei Oremus, ordinariamente desdenhoso dos alimentos solidos. Demais, já tinha fome.

— Irmão, disse gravemente D. Mafio, Deus teve piedade dos seus servidores...

— Isto é o maná!

— Decerto. Porque não havia o Senhor de repetir em nosso favor o milagre que fez outrora no deserto em favor dos hebreus? Este lugar era para nós o mais terrivel deserto... E eis que nos caem do céu os mantimentos! Vistes este presunto quando entramos?

— Nem o presunto, nem as divinas garrafas.

— E no entanto olhamos bem.

— Portanto o vinho e o presunto apareceram aqui por milagre.

— E' tambem a minha convicção. E ao pé do presunto, ainda vi alguns salsichões.

— Pois vamos a isto! Façamos honra ás provisões que nos manda a Providencia.

— Um momento, frei Oremus: é preciso prever tudo. Quem sabe quantos dias aqui passaremos? e quem sabe se o milagre não se renovará, se não formos moderados? Como naufragos ou marinheiros perdidos, ponhamo-nos á ração.

Frei Oremus concordou, sem entusiasmo.

— A quatro garrafas por dia, prosseguiu D. Mafio, temos para treze dias. Com cuidado, o presunto e os salsichões durarão tambem treze dias.

— Bem contado! Temos, pois, diante de nós treze dias, durante os quais devemos achar meio de sair daqui.

— Assim espero.

— Só um ponto me parece obscuro no vosso calculo.

— Qual?

— Dissestes quatro garrafas por dia?...

— Sim: duas refeições por dia, e a cada uma, uma garrafa para cada um de nós.

— Tenho então de me contentar com duas garrafas? E vós bebereis tanto como eu?

— Como não tenho outro liquido... Mas tambem vós comereis tanto presunto como eu.

— Pois seja! disse frei Oremus. Vamos então a isso!

Os dois frades sentaram-se no chão e atacaram as provisões em silencio. Por fim, D. Mafio exclamou:

— Delicioso presunto!

— Finissimo vinho! retorquiu frei Oremus com um estalo na lingua.

O conteudo das duas garrafas e as rações de presunto desapareceram depressa. Os dois frades olharam-se e olharam as provisões.

— D. Mafio!

— Frei Oremus!

— Parece-me que, só hoje, por extraordinario, temos direito a um suplemento.

— Eu ia a dizer-vos isso...

As rações foram maiores e, quanto ao vinho, frei Oremus, entusiasmado, desarrolhou mais quatro garrafas em vez de duas. A's duas da tarde, os dois frades já se tratavam por tu. A's três, havia quinze garrafas vazias e desaparecera meio presunto. A's três e meia, os dois frades, com voz formidavel, entoavam o *Te Deum*, meio deitados, de garrafa em punho.

Depois do *Te Deum*, D. Mafio entoou uma cançoneta muito em voga, na qual se falava de certa Joaninha que, passeando pelo prado, encontrava um tal Nicolau. Sucediam-se umas trinta coplas para chegar a dizer que os dois vinham a rolar juntos pela erva.

Estavam as poderosas vozes na trigesima copla, quando se abriu com estrondo a porta da adega, e uma voz não menos trovejante clamou:

— Que fazeis vós aqui?

Era o dono da casa, com a mulher e dois criados. Atraídos pelos cantos formidaveis vindos da adega, tinham corrido, armados de cabos de vassoura e varas de freixo. Mas a sua inesperada chegada não atemorizou os dois frades.

— Temos reforço! exclamou alegremente frei Oremus. Vinde beber, amigos!

— E provar deste presunto, balbuciou D. Mafio.

O aldeão correu para o sitio das garrafas, em quanto a mulher ia verificar as provisões de boca.

— O meu vinho! ah! o meu vinho!

— O nosso presunto perdido!

— Bandidos! malandros! ladrões!

— Socorro! A eles!

E ao mesmo tempo que ecoavam estes gritos, caía sobre os frades uma verdadeira chuva de bordoadas. Apesar do vinho, os dois religiosos, aterrados, subiram a escada, atravessaram o pateo e lançaram-se pelo caminho, sempre seguidos pela matilha furiosa. Transpuseram as ultimas casas da aldeia e iam cair exanimes e moídos, quando apareceram dois cavaleiros. Eram Estocada e Cabeça de Ferro.

— Com mil diabos! São os nossos frades!

— Por vida! Desta vez, apanharam uma boa sova!

— Alto lá! Porque lhes bateis

— Beberam o meu vinho! respondeu o aldeão, reconhecendo os dois cavaleiros.

— Comeram o nosso presunto! ajuntou a mulher.

— Em nome do céu, protegei-nos! exclamaram os dois frades.

— Quanto custam o vinho e o presunto? perguntou Estocada ao aldeão.

O aldeão e a mulher consultaram-se com o olhar, dizendo por fim o primeiro brutalmente:

— Não os daria por menos de sessenta libras!

— Caramba! Três luises!... E' de graça!... Então, tinheis néctar e ambrosia?

— Era vinho, e do bom!

— Aqui estão dois luises e não falemos mais nisso!

O rustico embolsou as duas moedas de ouro e retirou-se com a sua gente.

— Sabeis, reverendos, que me ficais muito caros? disse severamente Estocada.

Os dois frades, desembriagados pela sova, responderam:

— Tinhamos sêde... Tinhamos fome...

— E a fome justifica os meios, não é verdade? Bom, aqui estão os vossos habitos.

Os frades aparalam os habitos no ar, vestindo-os rapidamente.

— E as nossas mulas? perguntou D. Mafio.

— Amanhã as recuperareis em casa desse valente aldeão que tão bem maneja o cacete e que possui tão bom vinho.

— Amanhã?! Não estamos então ainda livres?

— Livres como o ar, reverendos... Livres para me seguirdes... Vamos! a caminho!

D. Mafio e frei Oremus não tiveram remedio senão obedecer, caminhando a passo rapido, empurrados de vez em quando pelo flamengo, pois Estocada tomara a dianteira em direcção ao castelo de d'Etallondes.

— Ai! que novas aventuras nos estarão reservadas? suspirou D. Mafio.

— Ora! respondeu frei Oremus. A questão é encontrarmos vinho para afogar as nossas penas.

XVIII

O CONVENTO DAS CARMELITAS

Ao chegar junto dos seus companheiros com os habitos dos frades, Estocada disse logo:

— Um é para mim!

Enfiou-o logo, deitando o capuz pela cabeça e tomando uma atitude contrita, que o transformava por completo.

— O outro é para mim! exclamou d'Etallondes detendo com um gesto o Cavaleiro. Meu caro amigo: estás muito agitado para desempenhar bem este papel.

Salverio aprovou com a cabeça. Ficou combinado que os dois falsos frades iriam á frente, aproximando-se os outros o mais possivel da portaria.

Quando o gascão chamou á porta, surgiu por trás da grade do postigo uma cara de monja receosa. A cara, porêm, aquietou-se logo, perguntando:

— Que desejais, reverendos?

— Vimos da parte do sr. arcipreste Gerfaut para negocio urgente. Decerto já sabeis...

— Ah! meu Deus! A reverenda madre esperava hoje o sr. Gerfaut!

Ao mesmo tempo, tirava a freira a tranca, fazendo tilintar as chaves.

— Entrai depressa, disse ela entreabrindo a porta. Andam por aí uns malvados a rondar em volta do convento...

— Nada receeis, irmã, respondeu d'Etallondes, entrando logo, seguido por Estocada.

A monja fechou e atrancou de novo a porta, mas quando ia abrir a cancela do jardim de honra, foi rapidamente assaltada, amordaçada, atada e cerrada na sua habitação.

Em breve estavam os seis amigos todos reunidos debaixo da abobada

(Continúa).